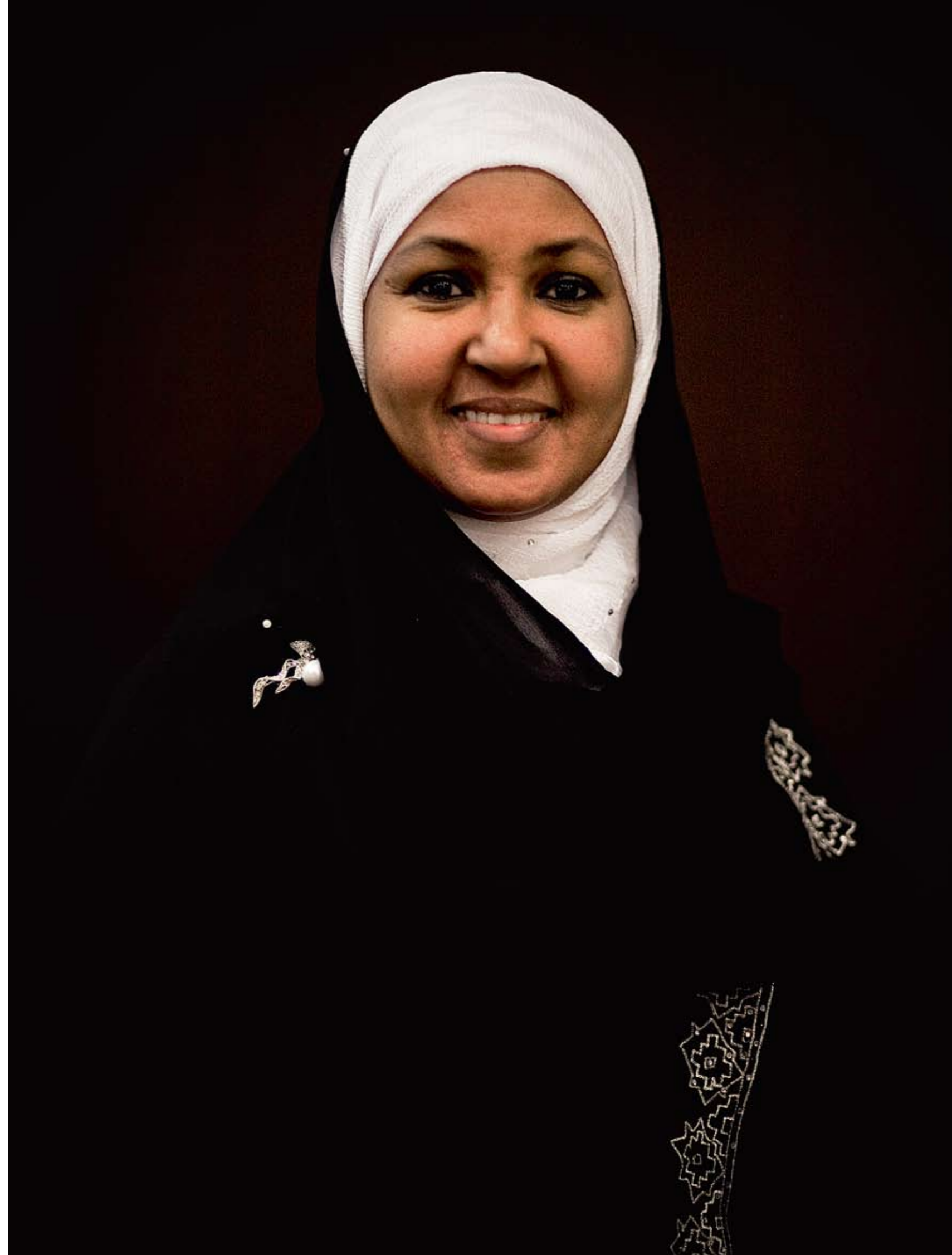


O islão delas não é só para homens

As muçulmanas mais influentes da Europa não são mulheres submissas e oprimidas. Religiosas ou laicas, elas valorizam a liberdade, a educação e a ousadia de correr riscos e quebrar tradições. Usar o hijab, diz uma delas, significa apenas “cobrir a cabeça, não esconder as ideias”.

Margarida Santos Lopes (texto) e Rui Gaudêncio (fotografia), em Madrid



mulheres

Suad Mohamed A imã livre da Suécia

Em 1985, aos 16 anos, quando chegou a Estocolmo, vinda da sua Etiópia natal, Suad Mohamed ficou fascinada ao ver grupos de *punks* nas ruas. “Se eles exibiam aqueles cabelos excêntricos, eu também poderia usar o meu *hijab*”, disse a primeira imã (líder espiritual) da Suécia – um título que não é reconhecido oficialmente nos países islâmicos.

Ainda assim, não foi fácil. Já naquele tempo, antes de a extrema-direita xenófoba estar em ascensão, uma funcionária de um supermercado foi instruída pelo patrão a não atender Suad Mohamed se esta não retirasse o lenço que lhe cobria a cabeça. O episódio entristeceu-a, mas não modificou a sua opinião sobre o país que a acolheu.

“Desde que cheguei à Suécia que me deixei seduzir pelo modo como a sociedade trata as mulheres”, diz-nos a imã, sentada numa poltrona de um hotel de Madrid, cidade onde, a 30 de Outubro, decorreu a gala que elegeu – pela primeira vez – as dez muçulmanas mais influentes da Europa. Ela fazia parte de uma *short list* de 26, seleccionadas pela CEDAR, uma rede pan-europeia de profissionais muçulmanos, mas ficou ausente do top 10. Não ficou incomodada, até porque a amiga Barni Noor, uma jovem de origem somali que é presidente da Associação das Mulheres Muçulmanas da Suécia, foi uma das dez escolhidas.

Suad Mohamed estava mais preocupada com o regresso a casa, e a noite já ia longa quando esta entrevista começou. Compreensível, portanto, que a voz doce se arrastasse, o sorriso perdesse luminosidade e os formosos olhos – característicos das mulheres etíopes –, ornados por um *eyeliner* negro, denunciasses fadiga. O dia tinha sido de muita ansiedade mas, ainda assim, a imã mantinha o porte altivo, numa longa túnica e manto negros, com bordados brancos e brilhantes, a combinar com o *hijab* que, bem justinho ao queixo e à testa, não deixava vislumbrar uma melena.

Quando se fala da Suécia, Suad parece esquecer o cansaço. “Aqui as mulheres são livres. Eu gosto desta liberdade individual. Da capacidade que cada uma tem de fazer as suas escolhas pessoais, de tomar as suas próprias decisões. Foi muito bom para mim –, porque esta é a liberdade que o islão e o Corão me oferecem. Gosto da minha religião, mas não aprecio algumas tradições que impedem as mulheres de agir de sua iniciativa. Olhei para as mulheres suecas como exemplo – absorvi o que gostava nelas; recusei o que não me interessava. Construí desta maneira a minha identidade.”

Ser muçulmana na Europa, acredita Suad Mohamed, fez dela uma pessoa diferente. “Em Marrocos ou na Arábia Saudita, as mentalidades não mudaram. Eu sou muito europeia, mesmo que a minha aparência física não o indique. Os meus filhos são ainda mais europeus do que eu, porque eu nasci na Etiópia mas eles já nasceram na Suécia. Eles são religiosos, por opção, e orgulhosamente suecos. Sou grata por a Suécia ter feito de mim uma mulher livre – não é fácil ser africana, muçulmana e imigrante.”

Suad foi viver para a Suécia, em busca de uma vida melhor, porque já **ai** se encontrava o seu irmão. Não teve grandes dificuldades de integração e explica porquê: “Falar a língua

é a chave, porque quando falamos a língua do país que nos recebe estamos a comunicar, aprendemos os códigos da sociedade. Se não aprendermos – e foi isso que aconteceu com os meus pais –, seremos sempre *outsiders*. Veremos como imigrantes isolados.”

Da Suécia, onde fez estudos superiores “para ser professora”, Suad foi para a Universidade de Zarka na Jordânia onde se formou em *Shariah*, lei islâmica. Quando voltou a Estocolmo, em 2002, deu uma entrevista ao jornal *Kyrkans Tidning*, órgão oficial da Igreja Protestante sueca [separada do Estado], e foi assim que ganhou o título de imã. “Que coisa extraordinária, não?”, comentou ela, divertida e briosa. “Na realidade, até para mim, tem sido difícil assumir-me como imã.”

Interpretação feminina

Entre os cerca de meio milhão de muçulmanos da Suécia, “uma comunidade com diferentes grupos de diferentes países”, nem todos reagiram bem – “as mulheres resistiram mais do que os homens” – a que Suad ostentasse o título de imã. “Para mim, um(a) imã é um(a) líder”, enfatiza. “E as mulheres muçulmanas podem ser imãs – porque o islão o permite. Se uma mulher lidera a oração, o que devemos chamar-lhe? Imã, respondo eu. Uma líder ouve os fiéis, educa-os sobre o islão, sobre os seus direitos e deveres – porque até agora a interpretação dos textos sagrados tem sido feita só pelos homens. É a perspectiva masculina que tem predominado. Isso não é bom. O islão não é apenas para os homens.”

Suad não lidera orações – excepto se a congregação for totalmente feminina. “A minha função centra-se sobretudo na participação em actividades religiosas da comunidade. Claro que gostaria de ver os irmãos e as irmãs [como os muçulmanos se referem uns aos outros] lado a lado e não segregados nas mesquitas. Mas a minha prioridade não é liderar a *salat* [preces] e sim a educação das mulheres. Encorajá-las a seguirem o seu caminho. Ajudo-as a saber usar a educação para não dependerem do islão dos homens.”

Como é que esta figura de baixa estatura mas fortes convicções marca a diferença? “Bem, quando as mulheres têm problemas com as suas famílias, com os maridos, quando não são tratadas com igualdade, eu ajudo-as com uma interpretação mais feminina do Corão e das *hadith*”, responde. “Por exemplo, muitas mulheres têm medo de se divorciar. Não é uma coisa boa, mas se tiver de ser, será. No entanto,

“Falar a língua do país que nos recebe é importante para conhecer os códigos da sociedade; se não a aprendermos, seremos sempre ‘outsiders’ a viver isolados”

Página anterior: o título de imã (líder espiritual) foi dado a Suad Mohamed pelo jornal oficial da Igreja Protestante da Suécia

Página ao lado: as irmãs francesas Mariame e Khadija Tighanimine, do site Hijab and the City, recusam ser tratadas como “véus ambulantes”

causa das tradições, muitas ainda têm medo dos familiares, dos amigos. A decisão final é sempre das mulheres. Eu aconselho-as, e encorajo-as, porque o islão permite o divórcio. As mulheres não têm de viver para sempre uma relação infeliz.”

Foi o que fez a própria Suad. “Divorciei-me do pai dos meus filhos (uma rapariga de 22 anos, um rapaz de 20 e duas gêmeas, de 16) e voltei a casar-me. Já era imã quando me separei, mas não foi essa a razão da ruptura. O divórcio não foi litigioso. O meu primeiro marido também se voltou a casar e tem outros dois filhos. Damo-nos todos bem. Muitos estranharam o meu divórcio, por eu ser muçulmana, mas é normal porque sou um ser humano e porque a minha vida tem sido passada a quebrar tradições. Se o meu actual marido não me aceitasse como imã, eu não estaria com ele.”

Em casos de divórcio, o que conta é a lei sueca, esclarece Suad. No entanto, no caso das muçulmanas, é necessário ter também um certificado de acordo com a *Shariah*. “Muitas mulheres não se sentem confortáveis sem este documento e, nos países islâmicos, sobretudo no Médio Oriente, sem ele não podem casar-se novamente, porque o divórcio não será reconhecido.”

Suad não tem poder de emitir estes certificados, apesar de formada em *Shariah*. “Ainda não cheguei tão longe”, graceja. “Como imã, estou apenas a dar os primeiros passos. Ainda me encontro na fase em que se discute se devo usar o título de imã. Alguns membros da comunidade mostraram-se muito, muito furiosos. Gerou-se um grande debate, mas quando lhes pergunto como designam uma mulher que lidera a *salat* [oração], eles admitem que é ‘imã’.”

O poder de emitir *fatwas*, éditos religiosos, também não interessa a Suad Mohamed. “Não possuo o saber e a experiência necessários para emitir uma *fatwa*”, admite. Contudo, quando chega a hora de falar sobre a capacidade de interpretar os textos sagrados, ela não hesita em puxar dos pergaminhos: “Sei ler árabe, sei ler →





mulheres

o Corão, sei ler as *hadith* [tradições do tempo de Maomé], sei fazer a *tafsir* [exegese corânica – processo de explicar, interpretar e comentar os mandamentos do livro sagrado do islão.] O árabe é a língua que melhor domino!”

Isto é uma guerra

Por comandar este domínio religioso, jurídico e linguístico, Suad garante que “a igualdade entre homens e mulheres está reconhecida em muitas *hadith* e no Corão”. E avisa: “Haverá quem interprete os textos de uma maneira injusta para com as mulheres, mas eu posso provar que não é verdade. Há muçulmanas que se queixam de que o islão é injusto com elas. Mas como podemos acreditar em Deus se achamos que Deus só é justo com os homens? Há mulheres que recusam a minha perspectiva feminina dos textos sagrados. De certo modo, até as entendo. Nunca tiveram liberdade de pensar. São muito dependentes. Não conseguem escapar do espaço em que foram confinadas. Não é fácil ser livre. É preciso quebrar tudo o que nos acorrenta, sejam os pais, os maridos, os amigos. É como se fosse uma guerra. Se não formos fortes, não sobrevivemos.”

“Eu quero mudar a comunidade muçulmana, quero que ela se sinta integrada”, promete Suad. “Por isso, aceito convites para falar nos *media* e, recentemente, até participei na *gay pride parade*, em Estocolmo. Dei uma palestra sobre sexo e homossexualidade no islão. Um jornal deturpou o que eu disse e recebi muitas mensagens de protesto, porque este é um tema sensível. A homossexualidade não é aceite no islão mas eu, como sueca, tenho de a respeitar – não tolerar –, mas respeitar”, esclarece. “Se alguém escolher ser assim, tudo bem, mas o islão não permite. Não me peçam para aceitar ou dizer que o islão permite a homossexualidade, porque ser homossexual é *haram* (proibido), não é *halal* (permitido). Ser homossexual é uma escolha; não se nasce assim. Muitos tornam-se *gays* e lésbicas depois de terem sido heterossexuais. Um homossexual pode ser muçulmano, mas está errado segundo o islão. É o mesmo que um muçulmano que bebe álcool ou que mata. Está a agir de forma errada; a fazer coisas de que Deus não gosta.”

Antes de nos despedirmos, perguntamos a Suad Mohamed se ela sabe que a palavra *Imâm* está relacionada com o termo *umm* (mãe), segundo explicou Halima Krausen, uma convertida ao islão, oriunda de uma família de protestantes e católicos da Alemanha, e que ostenta, na mesquita de Hamburgo, o mesmo título da etíope-sueca. Esta confessou o seu desconhecimento e também gostou de saber que a raiz árabe de *Imâm* é *amma*, com os significados de “estar à frente, liderar, avançar”.

Khadija e Mariame Tighanimine As irmãs de Hijab and the City

Na Casa Árabe, em Madrid, onde um júri elegeu, à porta fechada, as dez muçulmanas mais influentes da Europa, o distinto lenço prateado de Mariame Tighanimine destacava-se entre

os convidados para esta iniciativa sem precedentes. Aos 23 anos, ela brilhava tanto quanto o ecrã do seu telemóvel no qual twittava freneticamente. Ao seu lado estava a mais discreta Khadija, a irmã de 30 anos com quem fundou, em 2008, a *webzine* Hijab and the City.

Mariame vestia uma longa saia azul até aos pés, camisola preta e um casaco de malha; Khadija, uma blusa de seda branca, uma saia comprida de onde espreitavam os sapatos e um lenço tão negro quanto as suas sobrancelhas espessas. Quando saíam para o luxuoso Hotel Wellington, onde decorreu a cerimónia de entrega dos prémios – elas integravam a *short list* de 26 nomes –, responderam aos elogios à elegância de ambas numa unísona gargalhada, apontando para as suas roupas entretanto ocultas por elegantes sobretudoos: “Mas isto é tudo da Zara, da H&M e da La Redoute.”

Foi à Zara que Mariame e Khadija foram comprar bandanas para tapar o cabelo, quando a França proibiu, em 2004, a ostentação pública de símbolos religiosos. Mariame, a mais arrebatada, explica-nos em francês: “Confrontadas com a interdição, não podíamos deixar de viver. Por isso, foi natural irmos a uma loja comprar algo que substituísse o *hijab*, que pode usar-se de maneiras diversas.”

E porque usam elas o véu? É um símbolo religioso? É moda? Khadija, a mais serena, responde-nos em inglês: “Usamos o *hijab* porque temos convicções e fomos educadas numa família religiosa muçulmana. O *hijab* é parte da nossa identidade islâmica. Faz parte do modo como exprimimos a nossa espiritualidade, a nossa relação com Deus. É uma parte de nós, embora eu e Mariame não tenhamos a mesma definição do *hijab*, nem as mesmas motivações.”

Mariame, que na sua página do Facebook tem como religião “zoroastra”, esclarece: “Sempre recusei dar explicações para o facto de usar o *hijab*, porque quando me colocaram essa questão pela primeira vez fizeram-no de uma forma muito violenta. A razão por que uso, e uso-o desde pequena, tem evoluído ao longo dos tempos. Não posso apontar uma única razão – mas garanto que não foi uma imposição.”

Khadija adianta: “Não concordo que o *hijab* deva ser imposto pelos homens – isso faz parte de uma interpretação machista da religião. Não podemos dizer que Deus é injusto, porque no islão há igualdade entre homens e mulheres.

“É uma pena que falem tanto sobre as mulheres muçulmanas de véu mas não lhes dêem voz nem uma tribuna”

Páginas anteriores: à esquerda, Mahinur Özdemir, deputada belga de um partido democrata-cristão, diz que o lenço “só cobre o cabelo, não as ideias”; à direita, Imtaz Khaliq, *bespoke taylor* no Reino Unido, desafia os que a tratam como mulher subserviente

Página à direita: Anna Stamou, grega convertida, foi uma das que chegaram ao pódio das dez muçulmanas mais influentes da Europa

A deputada belga Mahinur Özdemir, à esquerda, e a grega convertida Anna Stamou, à direita, foram duas das dez muçulmanas mais influentes da Europa.

Não é por eu querer ser discreta ou para agradar aos homens que uso o *hijab* – nada disso! Isso é um dos habituais *clichés*, que infelizmente predominam.”

Quando usam o *hijab*, estão a exibir a vossa religião. Têm de mostrar que são muçulmanas? Khadija replica: “Bem, todos somos diferentes; eu uso um véu, outros usam uma cruz, outros envergam uma *T-shirt* de Che Guevara, outros têm um *look* gótico, outros exibem-se como metrossexuais. Nós queremos ser nós próprias, ainda que, em alguns países, alguns tenham dificuldade em aceitar-nos como cidadãos normais. O *hijab* é parte da nossa identidade. Não seguimos regras.”

Véus ambulantes, não!

As duas irmãs, as mais novas de seis filhos (cinco raparigas e um rapaz) de uma família proveniente do Sul de Marrocos, nasceram em França, onde os pais se instalaram nos anos 1970. Elas assumem-se como “mulheres muçulmanas ocidentais” e recusam ser consideradas “véus ambulantes”. Criaram Hijab and the City porque, como disse Khadija, “é uma pena que falem tanto sobre as mulheres muçulmanas mas não lhes dêem voz”.

Mariame acentua: “Não nos reconhecemos no que os *media* tradicionais escrevem sobre nós. Raramente perguntam às mulheres de véu o que elas querem. Nós quisemos mostrar que podemos ser emancipadas e não estar sob o jugo dos homens. Mas, para sermos emancipadas, a primeira coisa a fazer é ganhar a palavra. A nossa *webzine* é uma tribuna aberta às mulheres ignoradas, onde elas podem interagir com todas as pessoas que entenderem.”

Hijab and the City também apareceu porque as suas fundadoras se aperceberam que o mercado de trabalho em França não aceita de bom grado mulheres de véu. “Não sou *blogger* de profissão”, vinca Khadija. “Tenho uma licenciatura em Ciência Política e outra em Arquitectura. Trabalhei em obras para reabilitar habitações sociais nos →



mulheres

subúrbios mas perdi o emprego por causa do meu *hijab*. Eu já tinha feito tantos sacrifícios, não podia negar uma parte do que eu era. Decidi criar o meu próprio negócio. Foi bastante difícil, mas abrimos uma janela para exprimir as nossas posições sem sermos julgadas. Recuperámos a liberdade e iniciámos uma aventura.”

Mariame frequentava o curso de Sociologia Económica, na Universidade de Paris X-Nanterre (onde Khadija também se formou), quando os símbolos religiosos foram interditados em França. “Desisti dos estudos porque percebi que não teria emprego, mas também porque Hijab and the City ocupa uma grande parte do meu tempo e temos tido grande sucesso”, justificou.

“Le freak, c’est chic”

A *webzine* que alguém definiu como um blogue para raparigas que por acaso são muçulmanas e não um blogue muçulmano para raparigas aborda todos os temas das revistas tradicionais femininas, como culinária, moda e beleza. Mas é diferente porque, asseguram Khadija e Mariame, “tem ética e um *touch* islâmico”.

Em Hijab and the City há uma rubrica de psicologia, a cargo de uma médica que colabora *pro bono*, “e compreende as sensibilidades religiosas sem necessidade de evocar versículos do Corão para solucionar problemas”. Também trata de questões polémicas como o *niqab*, o apedrejamento de mulheres, a poligamia. Nestes temas, distinguem-se da concorrência, segundo elas, porque fazem “investigações de fundo” para melhor os explicar. Khadija e Mariame repetem que não lhes interessa “ser militantes, porque isso é contraproducente, e o objectivo é criar pontes e estabelecer um fórum de debate”.

Com uma equipa de seis pessoas (“por agora, todas voluntárias”), Hijab and the City colabora com outros *bloggers*, beneficiários da visibilidade entretanto conquistada por esta *webzine*, que se tornou popular “primeiro de boca em boca” e, depois, graças a artigos em jornais e *sites* franceses e internacionais.

As duas irmãs estão agora entusiasmasdas com “um novo modelo de negócio”: a venda de acessórios *online*. Mariame gaba e ergue o sacco que traz a tiracolo. “Vejam, é de material orgânico; este tem a imagem de uma cabra de cinco patas do Eid [festival

islâmico], um animal raro.” Também temos ilustrações e estes *badges*, refere, apontando para um deles, onde se lê: “*I love Hijab and the City*”.

“O nosso projecto vive também de anúncios”, precisa Khadija, “mas recusamos alguns que são demasiado islâmicos, como os vendedores de carne *halal* [o que é permitido pelo islão] – não tem nada de *glamour!*” E as duas excedem-se em risos.

Fazemos uma incursão por Hijab and the City e descobrimos que Khadija e Mariame partilham um pouquinho da loucura das personagens da série televisiva *Sex and the City*: Carrie Bradshaw, Miranda Hobbes, Charlotte York e Samantha Jones. Khadija, por exemplo, diz que, se fosse um objecto, seria “uma tela representando uma fantasia, uma mistu-

ra de ardor e amor das belas tradições”. Se fosse um anúncio publicitário ou estivesse no anúncio, “seria a pessoa que conduz um soberbo carro alemão (começando por B de preferência) – sim, é o meu lado materialista!”. Se fosse uma canção, seria *Nassam ‘alayna el hawa*, da diva libanesa Fairouz. Se fosse um elemento arquitectónico, um arabesco; e se fosse uma sobremesa, “uma tarte de limão (sem merengue)”.

Mariame, por seu turno, revela que gosta de “deliciosos *cupcakes*” e de coleccionar jóias antigas em prata (sobretudo berberes). Tem um gato que se chama *Tito Puentes*. Adora as expressões francesas *adore*, *super* e *sinon*, mas também o já internacional LOL. Se fosse um objecto, seria um Blackberry ou um saxofone. Se fosse um elemento arquitectónico, seria um minarete; se fosse uma canção, *Canned Heat*, de Jamiroquai, ou *Merhba Bik*, de Karim Ziad.

A sua expressão favorita? *Le freak, c’est chic*.

Mahinur Özdemir A deputada do partido democrata-cristão

A entrevista estava marcada para as 15h30, mas Mahinur Özdmir demorou a aparecer. Eram muitos os pedidos para ouvir a história singular da deputada muçulmana eleita por um partido democrata-cristão e a primeira a sentar-se de *hijab* no parlamento regional de Bruxelas. Quando

ela entrou numa sala da Casa Árabe, em Madrid, onde a esperávamos, irradiava juventude – tem apenas 27 anos –, beleza e simpatia.

O lenço vermelho em dois tons que ocultava o cabelo e tombava sobre o peito fazia sobressair o rosto bem maquilhado de Mahinur. Das meias mangas de um largo casaco cinzento e preto, lobrigava uma elegante blusa branca. Este fato tão selecto quanto recatado contrastava com o *casual wear* da assistente, face crispada e braços desnudados, sempre em guarda e na retaguarda.

Num inglês afrancesado e titubeante, a jovem escolhida como uma das 26 muçulmanas mais influentes da Europa iniciou a conversa admitindo que o seu pai, um pequeno comerciante oriundo da Turquia e dirigente da associação cultural muçulmana de Scharbeek – uma das comunas mais multiétnicas de Bruxelas (vivem

A estatueta de cristal foi atribuída pela CEDAR, rede pan-europeia de profissionais muçulmanos, cujo objectivo é promover o sucesso

aqui cerca de 150 nacionalidades e 40 por cento de turcos da capital belga) –, “talvez tenha contribuído” para que ela se dedicasse à política. Também foi importante o facto de, desde os 14 anos, ter trabalhado no supermercado da família. “Foi uma grande experiência que me permitiu contactar com todo o tipo de pessoas e ajudar as que viviam isoladas – fiquei a conhecer os seus problemas.”

Mais importante, porém, crê ela, terão sido as eleições realizadas em 2004. “Muitas pessoas na minha circunscrição votaram nos socialistas, mas votaram segundo linhas comunitárias – os turcos nos candidatos turcos; os marroquinos nos candidatos marroquinos, etc. Eu não apreciava este sistema. Ainda que a minha origem seja turca, sou uma cidadã belga. Para mim, é mais importante o programa do partido em que devemos votar. Quando tive de fazer uma escolha, percebi que podia ser membro do Centro Democrático Humanista [partido francófono, anteriormente designado democrata-cristão]. O CDH respondia às minhas aspirações.”

Mahinur assegurou que foi a “componente humanista” do CDH, onde já militavam outros muçulmanos, que a atraiu. Inscreveu-se no partido através da Internet. Preencheu um formulário e, poucas semanas depois, estavam a convocá-la para uma reunião da secção local. Descobriu na altura, em 2004, que era o membro mais jovem – tinha 22 anos.

Para as eleições municipais de 2006, o CDH não tinha nenhuma mulher nas suas listas, e a lei exige 50 por cento de homens e 50 por cento de mulheres. “O presidente do partido viu que eu tinha formação universitária, falava francês, flamengo e turco, e convidou-me para ser candidata”, revelou Mahinur. “De início, estava relutante. Tinha medo de que o meu véu se tornasse num instrumento político. Então perguntei: ‘Se conseguí ser eleita, deixam-me entrar no parlamento regional com o meu *hijab*?’ Responderam-me: ‘Sim, claro! És livre!’.”

Mahinur foi colocada no 18.º lugar da lista do CDH, e o partido só tinha, na altura, dois deputados locais. “Não cruzei os braços”, contou a nova estrela da política belga. “Fiz campanha junto dos meus vizinhos; fui a mercados e associações – sempre com o meu *hijab*. No final, o CDH conseguiu eleger cinco deputados e eu fui a terceira mais votada.”

A reacção do partido foi muito boa mas, antes das eleições, referiu Mahinur, houve pessoas que exerceram pressões junto do presidente do CDH para que a convencesse a retirar o *hijab*. Ele recusou. Ela ficou satisfeita, mas sabe que, se um dia chegar ao parlamento federal ou ao governo, não poderá ocupar o seu lugar de véu – uma lei recém-aprovada retirou-lhe esse direito.

Foi por causa do *hijab* que usa desde os 14 anos que Mahinur já desistira de ser advogada. “Um dia, nos últimos anos de liceu, quando tinha de escolher um curso, o meu pai avisou-me de que não poderia seguir Direito e usar o lenço. Foi o fim dos meus sonhos. Ele ainda me encorajou: ‘Talvez consigas vencer os preconceitos e ser a primeira a usar o *hijab* nos tribunais’, mas eu não tive a coragem de tomar essa decisão. Optei por tirar duas licenciaturas, uma em Economia e outra em Administração Pública. Ainda não tinha terminado os estudos e, aos 23 anos, já tinha conseguido ser eleita conselheira comunal.”

Alguma vez foi alvo de ameaças por usar o *hijab*? “Bem, uma vez, há cerca de quatro meses, uma velhota abordou-me na rua e disse-me: ‘Devíamos colocar-te num barco, juntamente com outras mulheres de véu, e fazê-lo explodir!’ Fiquei muito chocada, mas ela era idosa e eu nem reagi.”

Apesar deste episódio, depois da sua eleição, Mahinur sente que os belgas já não olham para ela como uma imigrante. “Acho que consegui quebrar tabus”, regozijou. “Tenho lutado por várias causas, como a protecção das famílias monoparentais ou a preservação dos locais arquitectónicos da minha região. Sinto que consegui estabelecer pontes na comunidade. Também acho que estou a mudar a percepção que muitos tinham de que as mulheres só usam o *hijab* porque são obrigadas. Quando me candidatei, ainda era solteira – só me casei este Verão [uma cerimónia na Bélgica e outra na Turquia, muito mediatizada], com um diplomata turco, de

“Há mulheres que recusam uma perspectiva feminina dos textos sagrados. É compreensível. Nunca tiveram liberdade de pensar”

Ancara. O facto de eu ser uma pessoa culta que se exprime em várias línguas fez com que as pessoas olhassem para mim de maneira diferente.”

Na família de Mahinur, a irmã, que é agente da polícia belga, não usa o *hijab*, nem as suas tias, e a sua mãe só começou a usá-lo há cerca de dez anos, revelou. Aos que criticam a sua opção, ela diz: “O meu véu só cobre o meu cabelo, não esconde as minhas ideias.”

Imtaz Khaliq A alfaiate que a rainha condecorou

Os filhos de Imtaz Khaliq gritam e saltitam à sua volta, mas ela ignora-os com um sorriso condescendente. O marido está por perto a cuidar deles, e ela está descansada. Costuma ser assim a rotina familiar desta mulher, de origem paquistanesa, uma das 26 muçulmanas mais influentes da Europa, recém-condecorada pela Rainha de Inglaterra com uma MBE, a principal Ordem de Excelência do Império Britânico.

Imtaz foi a primeira, e agora é uma das “quatro melhores” (segundo a revista *Cosmopolitan*), *bespoke tailor* do Reino Unido. Para quem não conheça a profissão, ela explica: “É um(a) alfaiate que trabalha segundo os requisitos específicos dos clientes. Alguém que deixa o comprador escolher os tecidos, e depois tira as medidas e ajusta os fatos aos corpos.”

Como é que tudo começou? “Eu sempre costurei”, lembra Imtaz, sentada no *lobby* de um hotel madrileno, impecável num fato de riscas, com gola de veludo e pespontos vermelhos, que ela própria confeccionou – aliás, ela não veste nada que não tenha saído das suas próprias mãos, e raramente veste saias e vestidos.

“Aos oito anos, eu já fazia vestidos para as minhas bonecas”, orgulha-se. “Quando comecei a usar a máquina de costura da minha mãe, ela repreendeu-me porque não era um brinquedo. Semanas depois, eu já estava a fazer roupas para ela, para os meus irmãos e irmãs. Sempre tive o sonho de um dia vir a ser alfaiate. O meu pai e os meus irmãos tinham os seus alfaiates. Este era um mundo que eu conhecia. Sempre gostei de sentir os tecidos. Sempre me interessei por design e por moda, e quis sempre criar algo de único.”

Fonte de inspiração

Não há dúvida de que a família teve peso nas escolhas de Imtaz. “Quando o meu pai, proveniente do Paquistão, chegou a Yorkshire, nos anos 1950, ainda eu não era nascida, foi trabalhar para uma fábrica de têxteis. Depois, abriu a sua própria lavanderia. Era muito empreendedor e provou que ter o nosso próprio negócio não é assim tão assustador, que podemos assumir o controlo do nosso destino e que o trabalho árduo compensa. De certo modo, o meu pai foi, para mim, fonte de inspiração.”

“Aos 18 anos, o meu pai emprestou-me uma das suas lojas e, durante quatro anos, costurei para fora. Aos 24, fui tirar um curso na Fashion College de Londres e, nessa altura, trabalhei como *personal shopper* no Harrod’s. Fui assistente de algumas celebridades, uma delas, o cantor George Michael. A minha função consistia em seleccionar um conjunto de roupas e acessórios que o →

mulheres

cliente pretendia para uma ocasião especial, de modo a que, quando ele chegasse, não tivesse de percorrer quatro pisos ou de esperar.”

Quando se mudou para Londres, Imtaz notou que era um mundo muito fechado. Ninguém recomenda ninguém. Se alguém se afeiçoa aos seus alfaiates ou costureiros, não gosta de os partilhar. É tudo muito secreto. “Comecei por ter uma colecção numa série de lojas em King’s Road, área icónica em termos de moda”, conta. “Tive a sorte de um dos meus fatos ter sido vendido à atriz Michelle Pfeiffer. Também vendi um fato a uma crítica de moda do *Sunday Times* que, ao ver o meu cartão num dos bolsos – esta foi a primeira estratégia de marketing –, me dedicou um artigo em que me chamou *The next big thing.*”

Partilhar sabedoria

Entre os clientes de Imtaz, não se encontram apenas celebridades mas também executivos da City de Londres (“quase todos”) ou príncipes e princesas árabes, gente endinheirada, que pode comprar fatos cujos preços oscilam entre as 900 e as 1500 libras (1000 e 1700 euros).

A primeira prova pode demorar quatro horas a preparar. Tudo passa por ela, desde a escolha dos tecidos, em conjunto com os fregueses, até aos retoques finais. Às vezes, é preciso esperar três semanas até à conclusão da encomenda. Noutras ocasiões, Imtaz já conhece tão bem as medidas dos clientes que estes já nem precisam de experimentar previamente os fatos.” O pior que pode acontecer é um cliente esperar que ela faça milagres – “um fato que assente bem num corpo que não tem as formas certas”. Mas, sublinha, “cada cliente é único e é importante que todos se sintam confortáveis, como se o que vestem fosse a segunda pele”.

Neste trabalho minucioso, Imtaz conta com colaboradores em regime de *outsourcing*. “Gosto de ser eu a fazer tudo”, exclama, satisfeita com a expansão do negócio, que já saiu de Bond Street, no West End, onde esteve sete anos, para se alojar em East London, “o coração da moda e do luxo”.

Costurar, dar aulas em universidades, fazer campanha pelos direitos das minorias étnicas e pela igualdade entre mulheres e homens exige de Imtaz, agora com 46 anos, uma grande capacidade de organização. Para isso, ela conta com o “marido incrível”, um sueco radicado em Londres desde os três anos. Nem precisa sequer de uma ama, porque ele, que trabalha na área das telecomunicações, tem um escritório muito perto de casa e dá “imenso apoio”.

Educada como muçulmana – “aprendi árabe e o Corão, ia à mesquita todas as tardes depois das aulas” –, Imtaz está orgulhosa do seu sucesso. “Não gosto que olhem para mim com conotações negativas por eu ser muçulmana. Recuso que me tratem como mulher subservente. Já bastou ter de lutar 20 anos para ser aceite na indústria da moda – que até agora excluía os *bespoke tailors.*”

A alfaiate que muitos julgam ser um homem porque o seu nome, escolhido antes de ela nascer, é só dado aos rapazes, estabeleceu como objectivo, presente e futuro, partilhar a experiência pessoal de 25 anos. Sobretudo com outras mulheres asiáticas. “Não pertenco à categoria dos que ao chegar lá acima retiram a escada para que outros não subam.”

Anna Stamou

Uma convertida em busca de uma mesquita

Atenas é a única capital europeia sem uma mesquita e um cemitério para a sua comunidade islâmica – cerca de 800 mil membros. A campanha que Anna Stamou, uma grega convertida à fé de Maomé, lançou para tornar esse sonho realidade fez com que fosse eleita uma das dez mulheres muçulmanas mais influentes da Europa.

“Fiquei totalmente surpreendida”, confessou Anna, abrindo os seus cintilantes olhos azuis, já de regresso ao hotel madrileno em que estava hospedada, depois de ter recebido a estatueta de cristal que a consagrou. “É uma grande responsabilidade, mas espero que eu possa servir de exemplo para outros – e, em particular, para os meus filhos, Ismail e Iman, que andam comigo para onde quer que eu vá.”

Numa anterior entrevista, quando as eleitas ainda não eram conhecidas, Anna Stamou apresentou-se ufana: “Nós somos a Associação dos Muçulmanos da Grécia – a voz oficial da comunidade. Sou a directora de marketing e relações públicas.” Mais tarde, anunciaria, mais envaidecida, que o seu marido, Naim Elghandour, egípcio que vive em Atenas há 38 anos, é o presidente da associação e “integrou a flotilha grega que entrou em Gaza”.

O júri da CEDAR escolheu Anna Stamou por considerar que ela luta pelos direitos básicos da sua comunidade. Uma comunidade que, precisou ela, reza em caves, garagens e armazéns – “há centenas de lugares como estes” –, sem qualquer dignidade. “O Governo grego, para dizer a verdade, mostrava-se relutante porque tivemos durante muitos e muitos anos a ocupação otomana. Havia um certo preconceito em relação à construção de uma mesquita central.”

Os primeiros pedidos neste sentido começaram por ser feitos pelas embaixadas dos países islâmicos, referiu Anna. Só há seis anos, precisamente quando ela se converteu, é que a comunidade muçulmana grega fez igual reivindicação. No pedido oficial que formulou, Anna foi clara: “Sou cidadã grega e muçulmana. Gostaria de ter uma mesquita em Atenas – não com o apoio de países es-

Atenas é a única capital europeia sem uma mesquita e um cemitério para a sua comunidade islâmica

trangeiros, como a Arábia Saudita ou o Irão. Queremos que a nossa mesquita seja construída com dinheiro grego.”

À procura de respostas

“O Estado aceitou, mas a burocracia tem abrandado os progressos”, lamentou-se Anna, as palavras jorrandando em torrente. “A situação dos muçulmanos gregos é complicada. Temos duas comunidades: uma que restou do Império Otomano, e que ficou no Norte da Grécia, Trácia Ocidental, depois da assinatura do Tratado de Lausana [assinado nesta cidade suíça, em Julho de 1923, estabeleceu as fronteiras da Turquia]; e outra que é composta por imigrantes, convertidos, casais mistos e outros. A maioria dos imigrantes provém de países árabes, muitos são egípcios, sírios, palestinianos. Também há paquistaneses e, claro, muçulmanos dos Balcãs.”

Por que se converteu Anna? “Eu andava numa procura interior. Andei sempre em busca da verdade. Nunca tinha sido uma pessoa religiosa mas acreditava em Deus. E até descobrir o islão nenhuma religião me preenchia. A minha família é ortodoxa grega. Não foi fácil para eles aceitarem a minha conversão, mas também já não tinha 15 anos – tenho 36 anos e, na altura, tinha 30. Não foi uma conversão forçada – pelo contrário”, sublinha Anna, ajustando o seu lenço multicolorido em sintonia com o casaco rosa-vivo que assentava na perfeição sobre uma saia até aos pés. “Converter-me foi uma escolha pessoal. O que eu mais gosto no islão é a liberdade de acreditar em Deus, sem intermediários. A Igreja Ortodoxa Grega, com os seus padres, não conseguiu dar-me respostas. Hoje, sou uma muçulmana praticante – rezo cinco vezes por dia, faço o jejum e sigo todos os pilares da fé.”

“Quanto à decisão de usar o *hijab* foi minha, e só minha”, enfatizou. “Habitualmente, os convertidos escolhem usar o *hijab*. Quando se muda de religião, quando se faz uma mudança tão radical na nossa vida, temos de mudar mesmo, não fazer só ajustes. Os convertidos são muito mais rigorosos no modo como praticam a religião. O véu acabou por fazer parte da minha identidade. Não o uso para mostrar às pessoas que sou muçulmana. As pessoas identificarem-me na rua como muçulmana tem um lado positivo e outro negativo. Mas faço questão de que as pessoas olhem para mim de forma natural.” ●

mssl@publico.pt

A Pública viajou a convite do British Council

Muçulmanas para quem tudo é possível

Ao top 10 das mais influentes chegaram a arquitecta britânica Zaha Hadid e a feminista espanhola Ndeye Andújar. A iraniana Camila Batmanghelidjh integrou apenas a short list de 26. Estas são as suas histórias – de luta e sucesso.

Zaha Hadid

Ndeye Andújar

Camila Batmanghelidjh

Em Teerão, onde nasceu em 1963, Camila Batmanghelidjh “nunca punha os pés na rua”. Era conduzida directamente do seu palácio para o *resort* de luxo dos pais, um magnata iraniano e uma belga. Só convivia com os filhos do chefe da polícia, com os quais partilhava motoristas e guarda-costas.

Hoje, esta iraniana de longas vestes e turbantes coloridos, dirige a Kids Company, uma das maiores associações de apoio a crianças e adolescentes em risco na Grã-Bretanha. Em 2006, ganhou o prémio UK’s Women of the Year; em 2005, foi a Ernst & Young Social Entrepreneur of the Year; e acaba de integrar a *short list* das 26 “mulheres muçulmanas mais influentes da Europa”. Não chegou ao top 10, mas a sua história vale a pena ser contada.

“Tive uma das infâncias mais privilegiadas”, disse Camila à BBC. “O meu pai era dono de um gigantesco hotel. De noite, havia festas fabulosas na nossa casa. O meu irmão e eu costumávamos ficar na escadaria, deitados de barriga para baixo, a ver todas aquelas pessoas a passear com as suas primorosas coroas e jóias, e os empregados em redor delas nos seus uniformes negros.”

Aos 12 anos, Camila foi enviada para a Sherborne School for Girls, uma escola privada em Dorset, no Reino Unido. Em 1979, quando o Xá Mohammed Reza Pahlavi foi derrubado pelo *ayatollah* Khomeini, a vida da menina que só via os miúdos na rua pela janela da sua limusina “mudou dramaticamente”. Os Guardas da Revolução não confiscaram apenas todos os bens da família, “apagaram toda uma história pessoal”. Com medo de que o pai fosse executado na prisão, a irmã mais velha suicidou-se. Era estudante na Universidade de Manchester.

Camila nunca mais regressou à pátria. “Fiquei sem dinheiro e sem estatuto” – uma situação que jamais conhecera. “O meu avô já era um bilionário aos 21 anos”, contou ao diário *The Independent* a mulher a quem chamam “o anjo de Peckham”, porque foi neste subúrbio do Sul de Londres que ela criou a Kids Company, em 1996. “O meu pai e o meu avô eram empreende-

dores. Sentavam-se ao almoço e diziam: ‘Vamos construir o maior complexo de esqui do mundo.’ E, num mês, o trabalho começava. Sempre tive este sentimento de que tudo é possível – de que não há barreiras.”

“Do lato materno”, adiantou, “o meu avô era um pediatra extraordinário. Ainda me fascinava mais porque ele era uma figura modesta, graciosa, espiritual. Cuidava de crianças doentes, e as pessoas costumavam fazer fila nas ruas para serem atendidas por ele. Creio que me tornei numa pessoa espiritual graças a ele – não religiosa, de estar a olhar para bolas de cristal ou esse tipo de coisas, porque sou muito pragmática. Sigo uma vocação e sou empreendedora.”

Quando Camila perdeu tudo, os professores ajudaram-na a pedir asilo político. O gerente de um banco britânico onde o pai tivera um depósito concordou em liquidar as propinas que ela tinha em atraso. Ainda assim, precisou de arranjar um emprego para pagar as restantes despesas. Seguindo o sonho de trabalhar com crianças, foi estudar psicoterapia. Arranjou trabalho em Hampstead, com pacientes que ela designa como “os filhos dos abastados”.

Tinha 25 anos quando viu um anúncio à procura de uma terapeuta em *part-time*. “Concorri e fui parar a uma unidade de serviço familiar em Camberwell, no Sul de Londres”, contou ao *Independent*. Nessa altura, conheceu uma criança de sete anos que tentou matar-se, por asfixia, com um saco de plástico na cabeça e uma toalha enrolada ao pescoço. “Fui visitá-la a casa e percebi que a mãe não tinha possibilidade sequer de a levar às sessões individuais de terapia. Passei a encontrar-me com a menina na biblioteca da sua escola, levando comigo a mesma mala de brinquedos e materiais de arte que usava com as famílias dos ricos. Ela revelou que tinha sido abusada sexualmente por três homens que viviam perto da sua casa. Foi então que entendi como todo o sistema estava errado. Dos cinco aos sete anos, aquela garota não teve ninguém com quem falar sobre o que lhe acontecera.” →

mulheres

Este caso encorajou Camila a “levar o serviço até onde estavam as crianças e a estruturar o serviço de acordo com as necessidades das crianças”. Aos 25 anos, a iraníana deixou de pagar a hipoteca da sua casa para poder financiar a sua primeira *charity*, The Place2Be. Levada a tribunal pela imobiliária, não perdeu o apartamento graças à simpatia de um juiz, mas a mesma habitação de dois quartos, no valor de 70 mil libras, no Norte de Londres, teve de ser hipotecada duas vezes para financiar a segunda *charity*, Kids Company.

Compreende-se que Camila não tenha tido tempo para ir a Madrid, na semana passada, à cerimónia que elegeu, pela primeira vez, as dez muçulmanas mais influentes da Europa. Ela trabalha 12 horas por dia, sete dias por semana e não gozou nenhum dia de férias nos últimos 11 anos para poder angariar fundos (um total de 60 milhões de libras até agora) e dirigir os seus projectos que ajudam um total de 14 mil de crianças. As 15 avaliações independentes a que a Kids Company já foi submetida desde 2000 provam o seu sucesso: 98 por cento regressam à escola e encontram trabalho; 88 por cento abandonam as drogas e o crime.

A diva da arquitectura

Em Madrid, também não esteve Zaha Hadid, embora, ao contrário de Camila Batmanghelidjh, ela tenha saído da *short list* para o pódio das dez mais influentes. Que importa, como disse Razia Iqbal, a apresentadora da BBC e membro do júri que entregou as estatuetas de cristal às escolhidas, se “já toda a gente sabe quem é esta arquitecta, com muitos prémios, paixão e ego”?

Numa profissão ainda dominada por homens, a iraquiana Zaha Hadid foi, em 2004, a primeira mulher a receber o Pritzker, o equivalente na arquitectura ao Nobel. Este ano, o Royal Institute of British Architects (RIBA) atribuiu-lhe o Stirling, pelo seu museu MAXXI em Roma. Não é apenas mais um galardão de prestígio, mas o muito esperado reconhecimento por parte do Reino Unido, o país que a adoptou nos anos 1970. Ela já havia sido designada três vezes e nunca ganhara.

“É realmente extraordinário receber um prémio britânico, para variar”, exultou a nativa de Bagdad que a *Forbes* elegeu como uma das “cem mulheres mais poderosas do mundo”, a *Time* classificou como “uma das pensadoras mais influentes” e a *New Statesman* descreveu como “uma das 50 figuras mais influentes do mundo”.

O MAXXI, erguido num local onde existia um quartel, demorou 10 anos a construir e custou cerca de 150 milhões de euros. Começou a ser projectado em 1999, ano em que abriram a Tate Modern em Londres e o Guggenheim em Bilbao (Espanha). Os juízes do RIBA consideraram que o museu de Roma “é, provavelmente, a melhor obra [de Zaha Hadid] até agora”.

A mais jovem dos três filhos (mas única filha) de um industrial iraquiano formado na Grã-Bretanha e que chegou a ser ministro das Finanças e Indústria em Bagdad, Zaha Hadid tem dito que presentiu a sua vocação quando, aos 11 anos, um arquitecto visitou a sua tia para lhe entregar as plantas da sua futura casa. Foi estudar para a Suíça e para o Líbano antes de se instalar em Londres. Aqui se inscreveu na Architectural Association, onde conheceu Rem Koolhaas (que desenhou a Casa da Música, no Porto), Elias Zenghelis e Bernard Tschumi. Ela não nega a influência destes mentores, mas gosta mais de destacar a do brasileiro Oscar Niemeyer, porque foi “mais profunda e duradoura”, como disse ao jornal pan-árabe *Asharq al-Awsat*.

Zaha Hadid começou a exercer a profissão em 1980, mas só conseguiu finalizar o seu primeiro grande projecto uma década depois: o quartel de bombeiros Vitra, em Weil am Rhein, na Alemanha. Entre os projectos inacabados, está o de Cardiff Bay Opera House, no País de Gales. O concurso foi ganho em 1982, mas os promotores desistiram considerando que seria “demasiado arriscado”. A arquitecta contra-atacou: “Não quisera trabalhar comigo por eu ser mulher – e também por eu ser estrangeira.”

A sua onerosa excentricidade (chamaram-lhe “fantasista”) não dissuadiu porém outros que continuam a fazer encomendas, seja no Japão, França, Singapura, Suíça, Áustria ou Estados Unidos. O mais recente contrato é para desenhar a sede do Banco Central de Bagdad, a cidade onde Zaha Hadid nasceu em 1950 e que visitou pela última vez em 1980. Será um edifício para substituir o anterior, destruído num ataque suicida, em 13 de Junho e que causou 15 mortos.

Zaha Hadid mostra-se convencida de que o seu trabalho e sucesso “não estão relacionados puramente com a identidade, porque eles são o resultado de muitas coisas e experiências diferentes”. E adiantou, ao *Asharq al-Awsat*: “Talvez tenha sido mais a minha extravagância do que o facto de ser mulher que me deu a determinação para vencer. Já venci, mas tem sido uma longa batalha. Eu sou árabe mas não fui criada à maneira tradicional árabe; há mais de 30 anos que não vivo num país árabe, por isso, não sou

As vencedoras (da esquerda para a direita): Anna Stamou, da Associação dos Muçulmanos da Grécia; Nabila Ramdani, jornalista e académica francesa de ascendência argelina; Barni Noo, presidente da Associação das Mulheres Muçulmanas da Suécia; Hilal Sezgin, comentadora política e escritora alemã; Lamyia Kadoor, académica e fundadora da União Liberal-Islâmica da Alemanha; Sabina Iqbal, fundadora e presidente da associação de pais surdos Deaf Parenting of UK; Ndeye Andújar, feminista espanhola e directora do *site* Webislam.com. Ausentes estiveram três premiadas: Shaheeda Fatima, advogada que em breve será a primeira juíza muçulmana do Reino Unido; a arquitecta britânica nascida em Bagdad Zaha Hadid; e Sineb El Masrar, alemã, fundadora da primeira revista feminina e multicultural *Gazelle*.

tipicamente árabe. Sou iraquiana; vivo em Londres. Não tenho um lugar particular e, nesta situação, temos de nos reinventar, ou inventar o nosso mundo.”

Feminista não islamista

De uma *short list* de 26, Ndeye Andújar subiu ao pódio do Hotel Wellington de Madrid como a primeira das dez muçulmanas mais influentes da Europa. Directora de um *site* de referência em Espanha – Webislam.com –, com mais de 12 milhões de visitantes por mês, ganhou notoriedade como porta-voz do feminismo islâmico.

Num país onde há meio milhão de muçulmanos praticantes, Ndeye Andújar é também co-fundadora e vice-presidente da Junta Islâmica da Catalunha, o que lhe permitiu organizar, em 2008, em Barcelona, o primeiro Congresso Internacional sobre Feminismo Islâmico. Nos seus vários livros, ensaios e palestras, esta professora do ensino secundário e investigadora universitária faz

questão de esclarecer que para ser feminista islâmica não tem de renunciar à religião.

“Há quem critique o movimento feminista por ter influências ocidentais e não ter resultado de uma reflexão interna própria do islão”, reconheceu Ndeye Andújar numa entrevista ao *site* ShaphirNews.com. “Na realidade, o movimento feminista islâmico emergiu em países de maioria muçulmana, como o Egipto e o Irão, mas também a Malásia e outros em África. Sem esquecer as novas gerações da Europa e da América.”

Ndeye Andújar não é adepta do “feminismo islâmico à ocidental”, porque “é uma leitura laica que demoniza o islão como uma religião que trata as mulheres como seres inferiores”. Também não é adepta do “feminismo árabe”, aquele “que denuncia a ocidentalização das sociedades árabes mas idealiza o islão como uma religião patriarcal”.

O “feminismo islâmico” de Ndeye Andújar é o que “vai buscar aos textos sagrados todo o discurso da libertação das mulheres e denuncia a visão misógina da religião”. É um feminismo que, “sendo diferente, faz parte do feminismo global – a etiqueta islâmica serve apenas para contextualizar”. Este feminismo “concilia a fé, os direitos das mulheres e a igualdade de género”.

Bons exemplos? Ndeye Andújar cita o da associação Sisters in Islam, que “desenvolveu uma estratégia para intervir em questões relativas à mulher, utilizando os *media* para participar em debates dos quais elas têm sido excluídas”. Deste modo, “conseguem sensibilizar as populações, influenciar políticos e mudar leis”. Referiu também o da associação Baobab da Nigéria, que luta contra a lapidação das mulheres. “Em vez de ir para o terreno dos ‘direitos humanos’, discurso ocidental que produz efeitos contrários”, esta organização reuniu um grupo de advogados e especialistas que fizeram jurisprudência islâmica, para defender que “vale mais o perdão do que a punição”. E isto, segundo a activista espanhola, “são progressos concretos”.

“O feminismo islâmico não é o feminismo islamista”, esclarece Ndeye Andújar. “No Egipto, algumas mulheres emitem *fatwas* [éditos religiosos] e isso é uma revolução, porque as mulheres têm subitamente uma palavra a dizer sobre a religião – o problema é que o conteúdo das suas *fatwas* é muito conservador.” Por isso, “não é relevante se o édito é de uma mulher e não de um homem; importante é o discurso. Não se trata de ‘quem diz o quê’ mas ‘o que se diz’. O feminismo islamista não é feminismo – não no sentido da igualdade a 100 por cento, em todos os domínios (espiritual, político, social). Quando os papéis são determinados em função do sexo, isso não é feminismo islâmico.” ● **M.SL.**

